

## Editorial

A Revista Crítica Cultural já se apresenta, neste volume 8 número 2, reformulada em seu formato de organização e apresentação do debate cultural contemporâneo, conforme proposto na chamada do número (julho/2013).

O tema deste número é CINEMAS MUNDIAIS, pensados em suas transnacionalidades, seus hibridismos estéticos, suas indisciplinaridades de gênero no audiovisual. A proposição é a de refletir sobre políticas estéticas contemporâneas compreendidas no transpassamento de reconhecidos limites que guardariam práticas, gostos, estilos e percepções do olhar sobre as produções audiovisuais nacionais, continentais e/ou globais.

CINEMAS MUNDIAIS põe sob rasura várias noções tão amplamente utilizadas, mas vistas com desconfiança e até com certo incômodo, desde pelos menos anos 80 do século XX, nas leituras culturais ao redor do mundo. Noções como nacionalidade, gênero cinematográfico, autoria ou estética autoral, hegemonia de estilos, para citar algumas, não se sustentam mais sem as devidas relativizações e/ou (im)precisões no contexto de cada enunciado crítico onde são utilizados.

A partir dos processos globais, ditados principalmente pelas lógicas econômicas, a dinâmica das culturas, e com elas as percepções de mundo, ganham movimento e velocidade intraplanetárias. À priori sem ponto fixo, as escritas sob o pensamento dos CINEMAS MUNDIAIS derivam, comparam, aproximam, distinguem, repõem, nesse espaço sem fronteiras geográficas fixas, formas culturais e estéticas, com ancoragem apenas na particularidade daquele texto, daquele enunciado no dado momento em que ele se constitui. Daí em diante, estes textos já são possibilidades de mistura em outras constelações analíticas, sob novos cruzamentos. Assim, se de um lado CINEMAS MUNDIAIS marca posição na atualidade teórica do debate sobre o audiovisual, por outro lado, indica as necessárias "instabilidades" de abordagem crítica das imagens contemporâneas.

A temática que ora se coloca à leitura é, sob certo modo, uma aquiescência com o aquilo que Jacques Rancière chama de "o destino das imagens".

A Seção CINEMAS MUNDIAIS traz, então, textos de abordagem primordialmente cinematográfica, em perspectiva comparativa com outras manifestações artísticas, em chave de análise teórica e em reflexões sobre a recepção das imagens em movimento. Há textos vindos do "estrangeiro", do "nacional" e do "estrangeiro-nacional", confirmando a proposta do DOSSIÊ.

A Seção ENTREVISTA segue o debate transfronteiras com a palavra de uma das críticas cinematográficas mais atuantes na noção de cinemas mundiais, a Profa. Dra. Stephanie Dennison (University of Leeds/England), numa conversa com Ramayana Lira de Sousa e Alessandra Brandão, que, em recente estadia na Universidade de Leeds, fazem o movimento de transnacionalização do debate e levaram a crítica do cinema brasileiro e latino-americano mais atual para a Inglaterra.

Na Seção TRADUÇÃO, Cid Vasconcelos retoma o crítico e historiador do cinema norte-americano, Adams Sitney, traduzindo parte de um capítulo do livro *Vital Crises in Italian Cinema: Iconography, Stilistics, Politics* (1995). A tradução recai sobre a análise do filme *O eclipse*, de Michelangelo Antonioni (1962), feita por Adams Sitney.

A Seção ARTIGOS reafirma a diversidade de abordagens, mantendo, assim, o diálogo já estabelecido pela Revista com seus leitores, a partir da crítica cultural ampliada. Temos, aqui, a retomada do debate sobre a imanência na arte em Theodor Adorno, por Nicholas Rauschenberg; a literatura brasileira, na crítica de Ana Cristina Cesar e de Flora Süsseking, por Jorge Wolff; o teatro de Joaquim Manuel de Macedo, por Fernanda Botton; a correspondência trocada entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, por Silvana Dias; e, ainda, a retomada da discussão sobre a literatura-reportagem, por Laísa Bisol e Denise Silva. A literatura argentina aparece fortalecida em três enfoques: de Carlos Ríos, por Antônio Carlos dos Santos; de Jorge Luís Borges, por Lourdes Alves e Maricélia dos Santos; e, sobre as políticas culturais, por Agustín Prestifilippo.

A Seção RESENHA indica à leitura *O espectador emancipado*, de Jacques Rancière, traduzido e publicado no Brasil em 2012. Nela, Jean Houloun e Dilma Juliano ressaltam a motivação política do autor em cinco conferências sobre as artes dependentes do olhar do espectador - este enfatizado na posição paradoxal a ele atribuída ao longo da história da arte.

Boa e proveitosa leitura!

Os Editores.